

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Formação Intercultural para Educadores Indígenas
Habilitação em Matemática

Erilsa Braz dos Santos

A história da demarcação da Terra Indígena Barra Velha

Belo Horizonte - MG

2018

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Formação Intercultural para Educadores Indígenas
Habilitação em Matemática

Erilsa Braz dos Santos

A história da demarcação da Terra Indígena Barra Velha

Percurso Acadêmico apresentado no âmbito do Curso de Licenciatura em Formação Intercultural para Educadores Indígenas, habilitação em Matemática, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Rocha

Co-orientador: Aurenilson da Conceição Braz

Belo Horizonte - MG

2018

Percurso acadêmico intitulado A HISTÓRIA DA DEMARCAÇÃO DA TERRA INDÍGENA BARRA VELHA, de autoria de Erilsa Braz dos Santos, para ser avaliado pela banca examinadora constituída pelos seguintes integrantes:

Prof. Dr. Pedro Rocha – Orientador
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Prof. Aurenilson da Conceição Braz – Co-orientador
Professor da Escola Indígena de Barra Velha
Indígena pataxó de Barra Velha

Prof^a. Dr^a. Ana Gomes
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Salvino dos Santos Braz (Kanatyo Pataxó)
Aldeia Pataxó Muã Mimatxi

Agradecimentos

Quero agradecer a Niamissú (Deus).

Agradeço ao meu marido Aurenilson da Conceição Braz, que sempre me incentivou e sempre disse que não aceitava que ele sendo professor, a sua mulher não estudasse. E por tomar conta dos nossos filhos para eu estudar.

Agradeço aos meus filhos Sarah dos Santos Braz, Isaac dos Santos Braz, Isabella dos Santos Braz, João dos Santos Braz e Iamã-Aruna dos Santos Braz. Agradeço a Sarah por tomar conta dos irmãos menores quando estava em Belo Horizonte estudando.

Agradeço aos meus pais José Sales dos Santos e Maria José Braz dos Santos que me incentivaram a estudar.

Quero agradecer, também, as lideranças indígenas do estado de Minas Gerais e aos professores do FIEI pela implantação desse curso.

Agradeço às lideranças pataxó da minha aldeia Barra Velha: Adalton Ananias do Nascimento, José Sales dos Santos (Zé Piega), José Ferreira dos Anjos (Zé Baraia), Everaldo Braz dos Santos e Romildo Ferreira dos Santos.

Agradeço aos anciões que concederam as entrevistas para o desenvolvimento dessa pesquisa: Palmiro Ferreira, Domingas da Conceição Braz, José Farias do Nascimento (Zé Bedeu) e Maria Bernarda da Conceição (Maria Coruja).

Agradeço ao aluno do 9º ano A, Carlos Adriano, e aos meus filhos (Sarah, Isaac e Isabella) por terem feitos as ilustrações do trabalho.

Agradeço aos colegas do FIEI e da turma de habilitação em Matemática pela luta nesses anos de curso.

Agradeço ao orientador Pedro e Co-orientador Aurenilson por terem me orientado nesse trabalho e pela paciência comigo.

Agradeço a professora Vanessa Tomaz por sempre está preocupada com a gente no curso.

Agradeço a Ilaine por ter me ajudado no curso, pela visita quando eu fiquei mal de saúde e por me ajudar no final do percurso.

Agradeço a oportunidade de ter conhecido no FIEI, os parentes de outras etnias: Xakriabá, Maxakali, Pataxó Hã-Hã-Hãe, Guarani, Pankararu e outros parentes pataxó.

Agradeço a Txahá por se tornar uma amiga e agora comadre, a madrinha de Isabella.

Finalmente, agradeço a comunidade de Barra Velha.

A luta do pataxó

Professora Mara Vanessa Fonseca Dutra

*Atenção os meus amigos
Venha todos assuntar
O Caso da nossa terra
Eu agora vou contar*

*Essa história é bem antiga
Todos devem se lembrar
Custou muito pra vencer
E nossa terra assegurar*

*Pois eu falo é dessa luta
Que o Pataxó venceu
Quem não tem memória curta
Lembra bem o que se deu*

*Muito mesmo que custou
Pra fazer demarcação
Precisou ser bem valente
E ter forte opinião*

*O caso pra ser entendido
Tem que contar bem contado
Começando pelo começo
E acabando bem acabado*

*Muito antes de chegar
O IBDF aqui
Os índios já labutavam
Nessas matas por aí
Instituto Brasileiro
De Defesa Florestal
Quis ser dono primeiro
E mandar nesse local*

*O Pataxó foi empurrado
Nessa beira de mar
Um pedacinho acanhado
Que nem dava pra plantar*

*Teve gente que lutou
E é certo que sofreu
A batalha enfrentou
Até que a final venceu*

*Foi o caso de uma índia
Valente prá dez ou mais
Que sozinha enfrentou
Muitos Guardas Florestais*

*Com os filhos pra criar
E sem ter o que comer
Sua rocinha foi botar
E começou a sofrer*

*Pois na areia da terra
Que sobrou pro Pataxó
Não nascia nem uma pedra
Chegava até fazer dó*

*Ela entrou por essas matas
E abriu lá um roçado
Quando acaba vinham os guardas
E arrancavam o plantado*

*Mais a índia era valente
E plantava outra vez
Hoje velha e doente
Ainda lembra o que fez*

*Quem sabe do seu direito
Está com toda razão
Enfrenta tudo sem medo
E tem firme o coração*

*A medição mais antiga era bem larga
e bem grande
Ainda hoje se vê algum marco
De cimento que garante*

*Do rio Guaxuma até o riacho Grande
Era a primeira marcação
E pra serra do Gaturama
Continuava esse chão*

*Daí até o Montinho
No cimento do mourão
E o rio de Caraíva
Fechava a demarcação*

*Fazendeiro invadiu
E a terra foi tomando
A Flonibra foi crescendo
Toda mata ocupando*

*O Pataxó preocupado
Em garantir o que é seu
Cada dia se via apertado
Entre a areia e o céu*

*A FUNAI, que é do índio
Tinha que resolver
Pois do jeito que estava
Não dava mais pra viver*

*Cada um queria o parque
Os índios pra morar
E o IBDF queria
Somente pra cuidar*

*A decisão se arrastava
Com a pressa do jabuti
Pois Brasília demorava
A demarcar isso aqui*

*Mas o Pataxó sabia
Que tinha direito aqui
E insistia em Brasília
Pra FUNAI se decidir*

*Assim foi que finalmente
Saiu a demarcação
Não igual a antigamente
Mas resolveu a questão*

*A linha sai do pistola
E corta para o Belém
Acompanha água Vermelha
Pra riba já bem além...*

Poesia escrita em 1980 pela professora Mara Vanessa Fonseca Dutra e trabalhada com seus alunos do 1º e 2º Ano do primário da Escola Indígena Pataxó Barra Velha. Encontrada nos arquivos da liderança Adalto Ananias do Nascimento, seu aluno na época.

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo contar a história da demarcação da Terra Indígena de Barra Velha, através dos depoimentos de anciãs e de anciões pataxó de Barra Velha, que participaram da luta pela demarcação. Para isso, eu conversei eles e pesquisei outras fontes de informações antropológicas sobre essa terra. Esta pesquisa conta o que aconteceu a partir da década de 40 até 1982, quando a nossa terra foi demarcada. Os entrevistados contam do sofrimento dos pataxó que participaram dessa luta, dentro e fora da aldeia. Essa pesquisa servirá para que as futuras gerações conheçam as lutas que os nossos antepassados enfrentaram para recuperar uma pequena parte do nosso território, e que as mesmas deverão continuar lutando pela demarcação contínua, que o povo pataxó conheça a história e valorize o movimento indígena, que sempre vem lutando pelas nossas terras que foram tomadas no passado, pois a terra, para nós, pataxó, é nossa mãe, e mãe cuida, ama, dá carinho, dá comida, preserva e morre para salvar seus filhos. Assim somos nós, pataxó, morremos para salvar nossa terra, porque ela traz alegria para nós vivermos.

Palavras-chave: Demarcação; Terra Indígena; Barra Velha.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração I: Mapa que representa o território verdadeiro de Barra Velha (52.748 hectares)	15
Ilustração II: A invasão dos portugueses no território pataxó (o primeiro contato) ..	23
Ilustração III: A demarcação enganosa	25
Ilustração IV: A reunião com os homens que prometeram demarcar a terra	26
Ilustração V: Início do fogo de 51	27
Ilustração VI: A destruição da aldeia no fogo de 51	28
Ilustração VII: A igreja de Nossa Senhora da Conceição	28
Ilustração VIII: Reconstrução da aldeia depois do fogo de 51	29
Ilustração IX: Dona Josefa enfrentando os guarda do IBDF	30
Ilustração X: Palmiro, Epifânio e Luiz dormindo na rua	34
Ilustração XI: As mulheres no caminho do mangue perseguidas pelos guardas do IBDF	41

LISTA DE FOTOS

Foto I: Foto de Palmiro Ferreira Santos	24
Foto II: Foto de Maria Bernarda da Conceição	38
Foto III: Foto de Domingas da Conceição Braz	40
Foto IV: Foto de José Farias do Nascimento	43

SUMÁRIO

Introdução	11
Parte I: Contando um pouco da minha história e da história da Terra Indígena pataxó de Barra Velha	12
Parte II: O povo pataxó e sua história de luta pela demarcação da nossa terra	22
Entrevista com Palmiro Ferreira Santos	24
Entrevista com Maria Bernarda da Conceição (Maria Coruja)	38
Entrevista com Domingas da Conceição Braz	40
Entrevista com José Farias do Nascimento (Zé Bedeu)	43
Conclusão	45
Referências	46
Apêndice 1: Parte da história contada por José Ferreira	47
Apêndice 2: Trecho da carta dos três pataxó encaminhada ao presidente da República	48

Introdução

Este trabalho conta sobre a luta pela demarcação da Terra Indígena Barra Velha, que iniciou a partir dos anos de 1940, quando o Dr. Barros (engenheiro) disse que veio demarcar a terra dos Pataxó de Barra Velha, mas na verdade ele veio demarcar a área do Parque Nacional do Monte Pascoal. Foi aí que os parentes descobriram que estavam perdendo a terra que moravam para o IBDF (Instituto Brasileiro de Defesa Florestal), a partir daí, inicia-se a luta pela demarcação.

Primeiro, tentaram nos enganar com 300 tarefas de terras, nos anos de 1960, quando os parentes não aceitaram e continuaram lutando por uma área maior, até chegar a demarcação dos anos de 1980, que é a área atual de 8.627 hectares. A partir de 1990, recomeça a luta pela ampliação da nossa terra devido ao crescimento da nação pataxó, que reivindica uma terra de 52.748 hectares, que abrange 16 aldeias pataxó que estão situadas em três municípios (Porto Seguro, Prado e Itamaraju).

Para contar sobre a luta pela demarcação, entrevistei duas anciãs e dois anciões que vivenciaram essa luta. Além disso, foram produzidas ilustrações sobre essa luta pensando em como, a partir deste trabalho, poderemos levar essa discussão para a escola, para os estudantes despertar o interesse em saber o que aconteceu na terra que hoje moramos. Nas ilustrações desse trabalho, contei com a colaboração de dois alunos pataxó do 9º Ano do Ensino Fundamental, Carlos Adriano Braz Ferreira e Sarah dos Santos Braz (minha filhas), e contei com a colaboração dos meus outros em casa.

Fui na turma do 9º Ano e contei da minha pesquisa, falei para os estudantes desenhar a história. Carlos e Sarah resolveram desenhar, Sarah contou com a ajuda do seu irmão. Eu fui contando a história para eles e de acordo que eu contei a história eles produziram os desenhos.

Espero que essa pesquisa seja usada como material didático nas escolas pataxó, no reconhecimento das lutas de algumas lideranças guerreiras, que lutam pela nossa terra, que sirva de base para as futuras gerações continuarem na luta e não se coagir, vendendo os seus direitos aos políticos e ruralistas.

Este percurso acadêmico está dividido em duas partes. Na primeira, conto da minha história e falo da Terra Indígena Barra Velha. Na segunda parte, apresento as entrevistas com as anciãs e os anciões. Por fim, as conclusões.

Parte I: Contando um pouco da minha história e da história da Terra Indígena pataxó de Barra Velha

Eu, Erilsa Braz dos Santos, tenho um segundo nome na língua patxohã, que é Uruba Pataxó. Uruba é o nome de uma planta da qual se extrai uma fibra utilizada na confecção de alguns dos nossos artesanatos (abanos, maracá, peneiras e outros).

Nasci no dia 27 de julho de 1980, na Terra Indígena da aldeia mãe Barra Velha, município de Porto Seguro, estado da Bahia. Dois anos depois que eu nasci, em 1982, aconteceu, na minha aldeia, uma grande conquista das nossas lideranças: a demarcação de uma parte da nossa terra, depois de uma luta que durou mais de 42 anos.

Em Barra Velha, eu nasci, cresci, estudei até o Ensino Médio, casei com um pataxó e constituí minha família. Tenho cinco filhos, dois homens e três mulheres, são eles: Isaac, Sarah, Isabella, João e Iamĩ-Aruna. Em especial, descobri no final de dezembro de 2017 que estava esperando Iamĩ-Aruna. O significado de Iamĩ (da língua Maxakali), é espírito sagrado, e Aruna significa caminho da luz.

Eu sempre venho trabalhando em benefício do meu povo. Aos 16 anos de idade, comecei a trabalhar como agente indígena de saúde, fazendo um trabalho voluntário por dois anos, depois passei a ser remunerada e fiquei atuando na saúde por dez anos. Fiz cursos de agente de saúde indígena e de auxiliar de enfermagem. Fui a primeira mulher pataxó de Barra Velha a trabalhar na saúde.

Em 2008, entrei para a área da educação, quando comecei a trabalhar na escola como auxiliar administrativa. Fiquei nesse cargo por dois anos e, em 2010, passei a dar aulas de ciências no Ensino Fundamental II, devido ao meu conhecimento adquirido na saúde, que foi uma porta de entrada para uma nova experiência.

No início, fui muito criticada por alguns colegas por eu não ter curso de magistério, mas não dei ouvidos às críticas e fui fazer o meu trabalho, que domino muito bem a disciplina de ciências do 6º ao 9º ano, e fui tentar me qualificar mais ainda.

Desde 2009, vinha tentando ingressar em uma faculdade, mas somente em 2014 eu consegui passar no vestibular para o curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI), na habilitação em Matemática, da UFMG. No nosso curso é exigido do aluno uma pesquisa a ser apresentada como Percurso Acadêmico para conclusão do curso. Foi aí que decidi pesquisar a história da demarcação da Terra Indígena pataxó de Barra Velha, que desde muito tempo meu povo vem lutando por esse direito, que sempre foi uma questão premente para nós pataxó desde o período colonial.

Uma ideia é que essa minha pesquisa possa contribuir na continuidade da luta pela ampliação da nossa terra. Para isso, pesquisei sobre a demarcação da Terra Indígena pataxó de Barra Velha com algumas pessoas de minha aldeia que vivenciaram essa “demarcação”, naquela época. E com orgulho, relato os nomes dos parentes que contribuíram com a minha pesquisa, com entrevista sobre a luta pela demarcação: Domingas da Conceição Braz, José Farias Nascimento (Zé Bedeu), Maria Bernarda da Conceição (Maria Coruja) e Palmiro Ferreira.

Eu escolhi esse tema para pesquisar porque, desde criança, eu ouvia na comunidade a história da luta dos nossos anciões pela terra, são eles: Epifânio Ferreira e seus três filhos (Luiz Ferreira, Palmiro Ferreira e Josefa Ferreira). Também outros, Honório Borges, Rufino Ferreira (Tururim), Alfredo Braz, José Farias Nascimento (Zé Bedeu), Paulo Barawna (Paulo Cotoco), Benedito Ferreira (Bidu), Manoel Braz (Mané Suia), Firmo Ferreira e outros. Ou seja, já tinha comigo a vontade de estudar esse tema, antes mesmo de entrar na faculdade. Assim, quando ingressei no FIEI, já sabia o que ia pesquisar, pois existem histórias escritas sobre Barra Velha por pesquisadores antropólogos não indígenas, como, por exemplo, Maria do Rosário Carvalho, Pedro Augusto, Leila Sotto-Mayor e José Augusto Laranjeiras (Guga), mas eu quero contar do ponto de vista de uma indígena pataxó de Barra Velha.

Como índia pataxó da aldeia mãe Barra Velha, resolvi escrever essa história a partir do ponto de vista dos nossos anciões, que lutaram pela demarcação dessa terra. Temos que registrar a luta desses anciões enquanto eles estão vivos, pois só eles podem contar a verdadeira história da luta pela terra.

Eu espero que a minha pesquisa seja uma referência de estudo para as escolas indígenas pataxó. Desejo que os alunos conheçam a história da luta dos nossos antepassados, e que esses movimentos do povo pataxó de Barra Velha continuem. Quero também que minha pesquisa chegue nas escolas não indígenas.

O meu povo pataxó foi um dos primeiros a ter contato com os colonizadores quando eles invadiram o Brasil. De lá para cá, os conflitos são constantes, devido à ganância dos colonizadores pela nossa terra.

Desde o ano de 1500, nós sofremos opressões de todos os lados. Primeiro, com a catequização do meu povo, escravizando, ensinando falar outra língua, a praticar outra cultura, costume e religião. A opressão também veio em forma de doença e roubo das nossas riquezas e do nosso território. Não havia divisa antes deles pisarem na nossa terra sagrada, era um único território contínuo.

O povo pataxó foi forçado a deixar de falar sua língua materna, mas hoje está em processo de revitalização, com mais de 2.500 palavras pesquisadas. Depois de muitos anos, hoje temos pessoas falantes, principalmente os professores indígenas que dão aulas de patxohã nas escolas das aldeias pataxó.

Hoje a Terra Indígena pataxó de Barra Velha desperta muitos interesses de: ruralistas, hotelarias, do próprio órgão ambiental na figura do Parque Nacional do Monte Pascoal e da área de preservação de Abrolhos, entre outros. O município de Porto Seguro alega que as aldeias indígenas não geram economia, mostrando que, além de equivocados, esses políticos partidários só pensam no capital. Prova disso, é que políticos do município de Porto Seguro, usando dos cargos para os quais foram eleitos, entraram com uma liminar em 2012, pedindo a revisão da demarcação da Terra Indígena pataxó de Barra Velha.

De acordo com alguns pesquisadores como relatado no estudo de Braz (2013), a aldeia mãe Barra Velha, foi criada a partir de 1861, fica entre dois importantes rios: o rio Caraíva, ao norte, e o rio Corumbau, ao sul. Mas, sabemos que o nosso território vai além desse limite (ILUSTRAÇÃO I). Depois da demarcação da Terra Indígena pataxó de Barra Velha, no final dos anos de 1980 e no início do ano 1990, veio uma grande preocupação das lideranças, pois a cada dia que passava a população da comunidade ia crescendo. Aí começaram a pensar em um território maior para as futuras gerações. Esse território existe, mas não foi incluído na primeira demarcação.

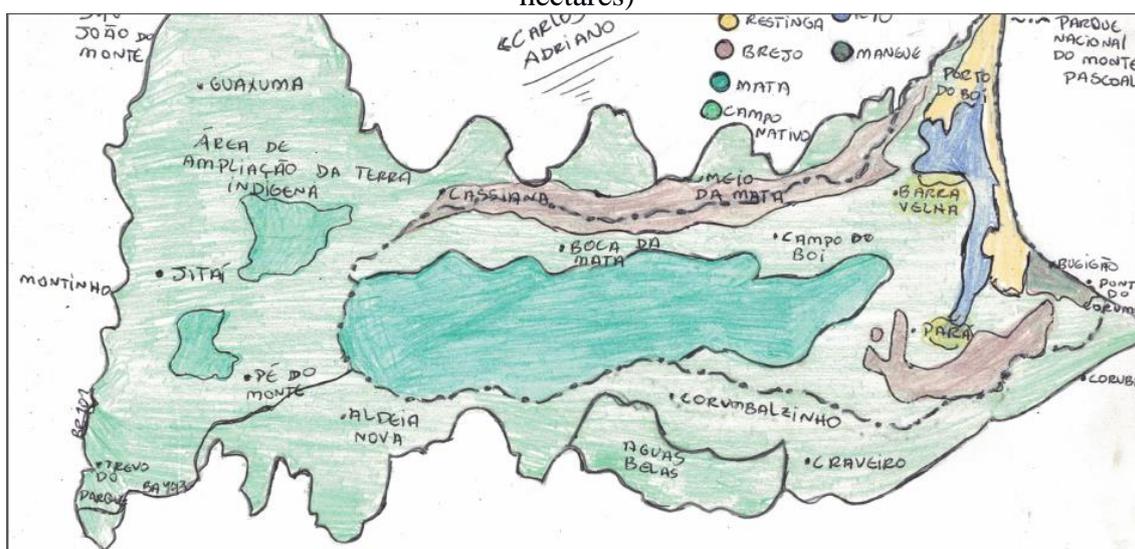
Hoje, nós pataxó lutamos pelo antigo território de 52.748 hectares. Segundo Maria do Rosário:

Não obstante a intensa campanha contra a reivindicação pataxó de revisão do seu território, a Procuradoria da República de Ilhéus/BA recomendou, à Presidência da Funai, que promovesse, em regime de urgência, os estudos de identificação e delimitação da Terra Indígena Monte Pascoal, para fins de revisão dos seus atuais limites e da sua demarcação e regularização. Foi criado, assim, o Grupo Técnico constituído pelas Portarias no. 329/PRES, de 21 de março de 2006, e no. 528/PRES, de 04 de maio de 2006, coordenado pela antropóloga Leila Silvia Burger Sotto-Maior (Resumo do Relatório de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Barra Velha, 2008).

De acordo com o resumo do referido Relatório, a TI Barra Velha do Monte Pascoal terá (aguarda a portaria ministerial declaratória) uma área 52.748 hectares, abrangendo as aldeias Barra Velha, Boca da Mata, Meio da Mata, Guaxuma, Trevo do Parque, Pé do Monte, Aldeia Nova, Águas Belas, Corumbauzinho, Craveiro, Cassiana e Bugigão. As doze aldeias estão distribuídas no entorno do Monte Pascoal. O mesmo Relatório informa que o limite sul da TI Barra Velha encontra-se no extremo norte da proposta da TI Cahy/Pequi (Comuruxatiba), cujo RTID não foi ainda publicado no DOU, no que atenderia à

reivindicação indígena de um território único. Informa, ainda, que o levantamento fundiário constatou que na área proposta para revisão da TI Barra Velha há, além do Parque do Monte Pascoal e de Projetos de Assentamento Rurais, fazendas de criação de gado de corte e exposição e de cultivo de cacau, bem como plantações de mamão, pimenta do reino e outras e uma área de cerca de 1.645 ha de reflorestamento de eucalipto da empresa Veracel. A pesquisa cartorial, por sua vez, constatou que a maioria dos registros das fazendas foram realizados a partir da década de 1980. (Resumo do Relatório de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Barra Velha, 2008). (CARVALHO)

Ilustração I: Mapa que representa o território verdadeiro de Barra Velha (52.748 hectares)



Fonte: Produzida por Carlos Adriano Braz Ferreira

A “aldeia mãe” Barra Velha está localizada no extremo sul do município de Porto Seguro, no estado da Bahia, numa área demarcada de 8.627 hectares. A aldeia Barra Velha é considerada a aldeia mãe porque daqui surgiram outras aldeias pataxó, depois da demarcação da Terra Indígena pataxó de Barra Velha.

A aldeia mãe tem uma população de aproximadamente 2.000 indígenas. A economia da nossa aldeia gira em torno de várias atividades, como a produção de artesanatos de sementes, agricultura familiar, pesca artesanal, pecuária familiar, extrativismo de marisco artesanal, contratos temporários na área da saúde e educação, comércio de alimentos, passeio de bugre e dos programas sociais bolsa família e aposentadoria rural.

Em 1951, aconteceu uma tragédia em nossa aldeia, o fogo de 1951, que destruiu a aldeia, tragédia que será contado com detalhes nas entrevistas. Depois do fogo de 1951,

a aldeia Barra Velha ficou totalmente destruída, surgindo a necessidade de uma reconstrução.

Apesar de termos sofrido 518 anos de colonização, nossa cultura está forte dentro do nosso povo. Há sete anos as religiões evangélicas quase dominavam a minha aldeia, mas isso está mudando. Contudo, até hoje existem muitas pessoas na aldeia que são dominadas pelas religiões, e deixam de praticar sua cultura para seguir a cultura dos colonizadores. Hoje, como no passado, são as religiões que vêm enfraquecendo nossas práticas culturais. Mesmo assim, como eu já falei, a nossa cultura vem se fortalecendo, pois cada vez mais estamos praticando os nossos rituais.

Antes dos anos 1970, não havia escola na aldeia. Havia algumas pessoas que sabiam um pouco da leitura e escrita, e repassavam o conhecimento que tinham para outras pessoas interessada em aprender. Minha mãe, Maria José Braz dos Santos, era uma dessas pessoas. A partir de 1978, segundo a pesquisa do professor Aurenilson da Conceição Braz (2013), a educação escolar chegou em Barra Velha, mas era a FUNAI quem coordenava e que durou até os anos 1990. Com o decreto federal número 26 de 1991, a educação escolar indígena saiu da FUNAI e passou para o governo municipal, onde está até hoje. A partir desse período, aconteceram mudanças importante, o povo começou a participar das decisões das coisas da aldeia e a educação escolar indígena ganhou força, começou uma nova era. Isso graças as lideranças da época e outros parceiros.

Antes da chegada do posto de saúde na aldeia, nós pataxó usávamos muitos remédios de ervas medicinais. Hoje utilizamos pouco, devido à influência dos profissionais que trabalham na saúde indígena. Mas, acredito que um dia o povo pataxó de Barra Velha vai voltar a fazer uso contínuo dos remédios medicinais.

Atualmente, a saúde indígena do meu povo não está indo bem. A começar pela SESAI (Secretaria Especializada de Saúde Indígena), cuja equipe médica na aldeia não atua como deveria. Os profissionais trabalham o dia que querem e falta carro para a assistência da comunidade. Quando acontece de eles virem para aldeia acabam indo embora no mesmo dia. E tem índio que trabalha na equipe da saúde que faz o que a SESAI quer. Quando quebra a bomba do poço artesiano da aldeia somos nós que pagamos os concertos da bomba, pois se depender da secretaria de assistência à saúde indígena os parentes ficam sem beber água. Já teve vários casos de pessoas da minha aldeia que

morrem por falta de atendimento médico, coisa que nunca foi investigada pela justiça nem pelo órgão responsável pelo índio, a FUNAI (Fundação Nacional do Índio).

Segundo as histórias que meu pai José Sales dos Santos (conhecido como Zé Piega), Barra Velha antigamente era toda coberta de mata, tinha muitas caças, aves, e um córrego, que passava dentro da aldeia. A alimentação era saudável, não existia produto químico de alimentação que existe hoje. Dentro da aldeia, as casas eram feitas de palha de marimbu, oricãna, buri, naiá, jussara e piaçava. Destas palhas eram feitas as coberturas das casas e, até mesmo, as paredes. Havia também casas com paredes feitas de barro. Hoje, a maioria das casas são construídas de alvenaria. A luz que clareava a casa durante a noite era um fogo no meio da casa, hoje já tem energia elétrica.

Vou usar uma fala do velho cacique Tururim que foi um líder importante na nossa aldeia e que morreu no dia 10 de janeiro de 2018 aos 86 anos, vítima de acidente cardíaco vascular em 2015, ele sempre dizia:

“O que foi de fazer eu fiz, agora é a vez de vocês, jovens, que são o futuro de amanhã. A luta agora é de vocês, pra não deixar acabar o nosso movimento pela terra, meus irmãos. Uma vara só é fácil de quebrar, um feixe é mais difícil de quebrar: é a união que faz a força”. (Cacique Tururim)

Tururim, um dos nossos grandes líderes, que lutou pela demarcação da terra que moramos, antes de sair dessa terra para outra vida espiritual ele fez um pedido a sua neta Tauana com quem morava, que não queria tristeza na sua partida para o mundo espiritual e pediu também que seu cachão fosse coberto com as bandeira da FUNAI e a de Nossa Senhora da Conceição, que sempre foi sua protetora na luta pela demarcação da nossa terra. Também, pediu que fosse feito o ritual do samba de Nossa Senhora do qual ele era membro oficial, no início tocava sanfona, depois passou a tocar cavaquinho e por último tocava reco-reco que era um instrumento adaptado ao um copo que ele usava para tomar kaiboca (cachaça). E, assim, foi feito um grande ritual durante seu velório e levou consigo a bandeira de nossa Senhora da Conceição e deixou para nós muitos ensinamento que servirão para as nossas vidas.

Hoje existem mais de 34 aldeias pataxó, no estado da Bahia. Existem aldeias pataxó em três estados brasileiros: Bahia, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Hoje existe em média quase 16 mil pataxó no Brasil. No território de Barra Velha tem aproximadamente 6 mil pataxó que fica espalhado em 16 aldeias: Aldeia mãe Barra Velha, aldeia Cassiana,

aldeia Boca da Mata, aldeia Campo do Boi, aldeia Pará, aldeia Meio da Mata, aldeia Xandó, aldeia Bugigão, aldeia Guaxuma, aldeia Trevo do Parque, aldeia Pé do Monte, aldeia Corubauzinho, aldeia Alegria Nova, aldeia Nova Esperança, aldeia Jitaí e aldeia Craveiro.

Na terra indígena de Barra Velha demarcada é 8.627 hectares. Dentro dessa terra, hoje existem sete aldeias: Barra Velha, Cassiana, Boca da Mata, Meio da Mata, Pará, Campo do Boi e Xandó. Só indígena dentro de Barra Velha existem 1.056 pessoas mais têm 42 mulheres para ganhar neném, eu estou entre essas mulheres. Esses dados foram fornecido pelo agente indígena de saúde Iberê Ponsada de Oliveira, que trabalha na SESAI (Secretaria Especial da Saúde Indígena).

Na aldeia Barra Velha, nos anos 1980, os parentes viviam com a natureza, só comia comidas saudáveis, tinha fartura de caça, passarinho, peixe, marisco, tinha muitas matas nativa, várias espécies de plantas. Quando os pataxó caíam doentes, ia na mata, pegava as ervas e faziam o remédio da cura, 90% deles não andavam em hospital, era curado na aldeia mesmo. O centro da aldeia só era mata, as caças viam perto de casa, eles não ia longe pegar seu alimento, tinha um rio que passava dentro da aldeia. Hoje, não existem mais, por questão do desmatamento, peixe qualquer hora que fosse pescar no mar, rio, mangue e lagoa. Antes, pegava bastante peixe, hoje já está escasso porque naquela época só os pataxó que pescava nesse lugares.

Aos pouco isso tudo vem desaparecendo, alguns parentes falam que naquele tempo era melhor em muitas coisas, em outras não. Tinha fartura de alimentos, só que eles não podiam pegar. Não existiam vendas de alimentos para os parentes, era tudo na troca quando um fazia farinha, quem pescava trocava peixe com farinha, era assim que fazia ou tomava emprestado, era uma forma de troca também, eles falam que hoje é mais difícil, hoje a aldeia está diferente.

Barra Velha tem hoje aproximadamente 400 famílias, tem escola, posto de saúde, energia elétrica, as casas são construídas de alvenaria, tem mercearia de alimentos, quadra esportiva em construção, poço artesiano, associação dos bugueiros, associação da comunidade e conselho de lideranças local.

A escola da aldeia Barra Velha, em 2018, tem aproximadamente 700 alunos e 43 professores, atende os alunos da Educação Infantil ao Ensino Médio, é dividida em três prédios, sendo dois na sede do posto da FUNAI e outro na rua de cima, no antigo campo de pouso.

Com a construção do Posto Indígena na aldeia Barra Velha, no final dos anos 70, foi construído também a primeira escola que ainda existe. O prédio é que de vez em quando passa por reforma, tem duas salas de aulas, uma cozinha, uma sala de apoio, dois sanitários e uma casa anexa, onde era o dormitório dos professores que vinha de fora.

Naquela época, não tínhamos professores indígenas, naquele tempo era a FUNAI quem coordenava a escola ou quase tudo, eles escolhiam os professores e os mandavam para as aldeias, alguns professores permaneciam por pouco tempo devido às dificuldades de acesso e outros problemas também. Assim os alunos só estudavam até a quarta série primária e foi assim até os anos 90. Somente a partir de 1996 em diante, a educação começou a avançar um pouco, começa as propostas da educação diferenciada na Bahia que tinha como objetivo formar professores indígenas para trabalhar em suas aldeias.

A luta de algumas lideranças e pais de alunos que se preocupavam com a quantidade de jovens que concluíam a quarta série e não tinham como sair da aldeia para prosseguir seus estudos continuou. Foi aí então que em 1998, depois de muitas reuniões saiu um grupo de 36 alunos para estudar em Monte Pascoal, um povoado que fica a 46 quilômetros da aldeia. Eu estava nesse grupo de alunos, a gente ia e voltava todos os dias.

Porém, as dificuldades começaram a aparecer, falta de transporte adequado, pois os alunos iam de caminhão sem nenhuma segurança, passavam da hora de comer, até que a FUNAI alugou uma casa no povoado. Mas muitos dos alunos desistiram, enfim não foi fácil. Somente 8 alunos chegaram a reta final que concluíram em 2005. Enquanto isso, na aldeia a luta pela implantação do Ensino Fundamental II continuava, pois, a experiência de estudar fora da aldeia era observada por todos e não era boa.

Em 2001, foi implantado o fluxo escolar em Barra Velha, que era uma modalidade de ensino que o aluno fazia duas séries em um ano, para atender a meta do governo do estado. Logo, surgiu a necessidade do Ensino Médio também, que mais uma vez não foi fácil.

Em 2002, começou a funcionar o Ensino Médio na aldeia, como uma sala extensão da escola estadual Pedro Álvares Cabral de Porto Seguro. Não deu muito certo, foi a partir daí que veio o Ensino Médio pensado de acordo a necessidade da comunidade na época, que foi o curso de magistério indígena, concluído em 2008. Daí para a frente, a escola continuou com formação geral, que até o momento não foi pensado outro modelo de Ensino Médio. A partir de 2004, a escola começa a ser administrada por um diretor indígena, o professor Aurenilson da Conceição Braz.

Em 2005, conquistamos a vaga para a vice-diretora, que foi a professora Inaiá Braz dos Santos e começa as ações a caminho de uma educação diferenciada, quando as lideranças passaram a ter uma participação maior nas decisões da educação escolar, junto com os professores. A partir daí, aumentou o número de professores pataxó, hoje somos 99,9% pataxó dentro da escola indígena de Barra Velha, uma boa quantidade licenciados nos cursos específicos para professores indígenas formados pela FAE/UFMG e outros que ainda estão em processo de formação.

Assim, a gente vem trabalhando, temos um projeto de um calendário específico que alguns professores vêm tentando desenvolver, que vem sendo introduzido na proposta pedagógica da escola, que é um método interessante. Mas ainda é um grande desafio, pois o reflexo da educação colonizadora ainda é um grande problema na construção de uma educação sonhada por muitos indígenas. Assim, a escola vem contribuindo muito na vida do nosso povo, temos um número de analfabetos considerado pequeno dentro da nossa comunidade e isso é muito positivo em qualquer sociedade para o seu desenvolvimento intelectual, social e econômica.

A cultura pataxó em Barra Velha, antigamente estava mais presente dentro da minha aldeia, quando uma pessoa era mais velha do que a outra a gente tinha que pedir a benção, quando fazia farinha não existia venda, era troca ou emprestava a farinha, depois o parente devolvia outra farinha ou outros alimentos, o peixe era a mesma forma, todas as noites na aldeia os parentes faziam fogo no terreiro da porta da frente para comer peixe assado, beber café, beber chá de ervas e contar história da porca espinha, caipora, mãe da água, boi tatá, caboco d'água, martim pescador, da mãe da lua, contar história que aconteceu com os mesmo, história do dia.

O mais importante é que cada história tem seu significado, era costume de um parente dormir na casa do outro e nos rituais todos participavam, dançavam, cantavam, comiam, bebiam, todos alegres. Quando fazia roça, todos iam ajudar, para fazer casa era do mesmo jeito. Quando era noite, o dono do trabalho fazia uma festa, o dono da roça ou da casa. As festas religiosas da igreja católica sempre foi uma grande atração na comunidade. Também, fazíamos rituais, quando as mulheres ganhavam criança soltavam três foguetes, aí as pessoas da aldeia sabiam que a mulher tinha ganhado menino e quando era dois foguetes era menina. As curas das doenças eram feitas muitas vezes com rezas e ervas medicinais. A parteira fazia o parto, a partir daí tinha um vínculo familiar, a criança era afilhado da parteira e os pais da criança passam ser compadre da parteira. Não existia religião evangélica na aldeia, depois da chegada dessas religiões começou a

divisão da comunidade, hoje na nossa cultura só é praticada pelo parentes que não seguem essa religião. Os próprios parentes que seguem as religiões evangélicas falam que as coisas da nossa cultura é mentira e continuam iludindo muitos anciões e os mesmos estão deixando de lado os seus conhecimentos tradicionais.

Na nossa comunidade, hoje temos muitas coisas boas, mas sentimos saudades da tranquilidade de antigamente, principalmente, na época das festas nas casas dos parentes tudo era diversão.

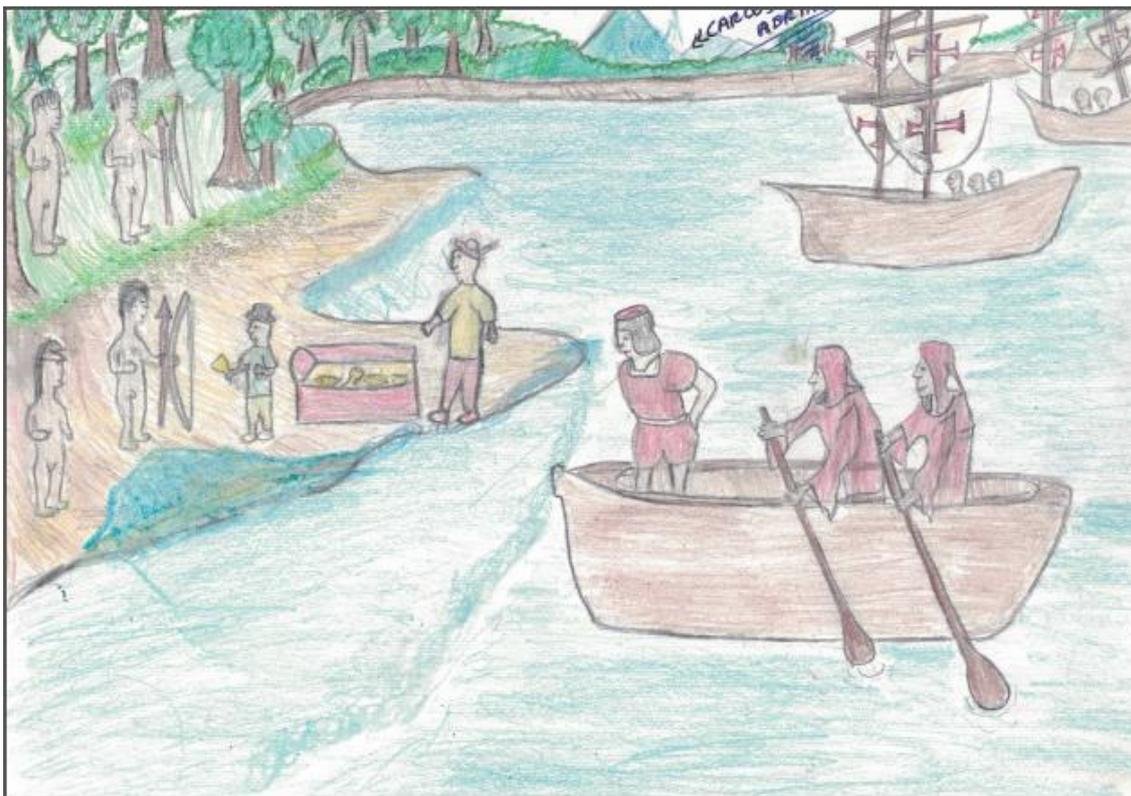
Parte II: O povo pataxó e sua história de luta pela demarcação da nossa terra

Antes dos portugueses chegarem, ou melhor, invadirem o Brasil, as nossas terras não tinham limites. Os meus parentes pataxó viviam livres no seu território, sem nenhum problema conflituoso sobre terras. Só depois, os conflitos começaram, quando os portugueses pisaram o pé nas nossas terras e trouxeram maldição. Os pataxó viviam no litoral e ao longo dos rios da região de Porto Seguro e Belmonte. Como conta na pesquisa de Everton Braz dos Santos (SANTOS, 2014), nosso território ia do extremo sul do estado da Bahia, pelo litoral adentro, até o rio São Mateus, no norte estado do Espírito Santo.

A partir do dia que eles pisaram em nossa terra, começaram a dizimar os pataxó, catequizar, derrubar as nossas matas, escravizar, trazer doenças, exploração sexual e roubar nossas terras. Nunca mais meus antepassados tiveram sossego nas suas vidas. A partir daí, também, começa a luta dos meus parentes pelas demarcações das nossas terras.

Nós, Pataxó, fomos os primeiros a ter contato com os portugueses (ILUSTRAÇÃO II). Quando eles avistaram a terra e chegaram em Porto Seguro, quem estava era os Pataxó. Alguns contam que eram os Tupiniquim que estavam aqui, mas eu não concordo, porque até hoje estamos aqui lutando por nosso território, os pataxó, e eu não conheço relatos de algum indígena pataxó que falam da presença dos Tupiniquim aqui nas nossas terras.

Ilustração II: A invasão dos portugueses no território pataxó (o primeiro contato)



Fonte: Produzida por Carlos Adriano Braz Ferreira

Nessa época, nós pataxós, não éramos aldeados. Foi só a partir de 1861 que surgiu a primeira aldeia dos pataxó: a aldeia Barra Velha. Segundo Palmiro, um dos antigos que entrevistei, havia nessa época um padre chamado Calisto, que vinha celebrar a missa e queria mudar o nome da aldeia para Bom Jardim, porque na entrada havia muitos pés de jasmim que soltavam cheiros saudáveis. Mas esse nome ficou pouco tempo, porque os parentes não concordaram, acharam que o nome tinha que ser Barra Velha, porque perto da aldeia tinha uma barra, que estourou com o avanço do mar, e depois de muito tempo essa barra sumiu.

Para falar da história de luta pela demarcação da nossa terra, desenvolvi entrevistas com anciãs e anciãos que contam como aconteceu a demarcação.

Entrevista com Palmiro Ferreira Santos

Foto I: Foto de Palmiro Ferreira Santos



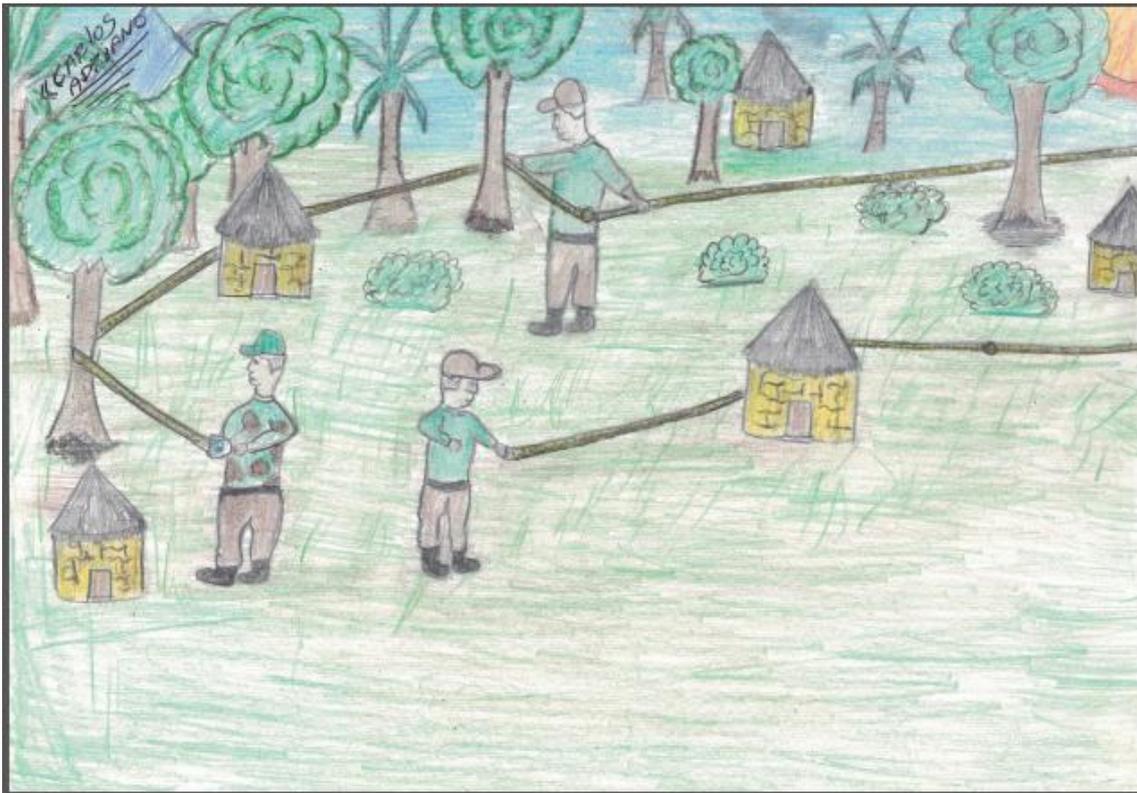
O ancião Palmiro Ferreira Santos, nascido no dia 18 de janeiro de 1932, na aldeia Barra Velha, filho de Epifânio Ferreira e de Jenerâna Conceição.

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Eu sou viúvo duas vezes, tenho sete filhos, dois são de um casamento, e cinco do outro casamento, vivo são cinco e dois já morreram, não brinquei tirando piaçava (risos...). (Palmiro Ferreira Santos)

Um certo dia, na aldeia mãe Barra Velha, chega um homem chamado Doutor Barros, que falou para os parentes que tinha vindo demarcar nossa terra, aí os parentes acreditaram, isso seria no ano de 1943, na verdade seria a demarcação da criação do Parque Nacional do Monte Pascoal (ILUSTRAÇÃO III). Ele pegou alguns parentes para trabalhar nessa medição. Seu avô Chico Páia, florzinha (nome que Palmiro chama Erilsa), trabalhou de cozinheiro nessa medição. Nós ficamos todos contente, achamos que seria verdade, mas não era.

Ilustração III: A demarcação enganosa



Fonte: Produzida por Carlos Adriano Braz Ferreira

Depois que ele terminou o trabalho que veio fazer, aí ele falou para nós o que estava demarcando e que aquela área era uma área de preservação da fauna e flora que nós não podíamos andar dentro daquele lugar. Daí começa a luta de Honório Borges pela nossa terra. Essa época era o SPI (Serviço de Proteção ao Índio), a gente ouvia falar que existia esse órgão, mas nunca apareceu nem uma pessoa desse órgão na nossa aldeia, a sede ficava no estado do Rio de Janeiro, o que a gente ouvia falar.

O Honório pegou a estrada sozinho atrás dos nossos direitos em uma dessas idas dele pela demarcação da terra, no Rio de Janeiro, quando ele sai do escritório do SPI, ele encontra três homens que e fala para ele: você índio está aqui atrás para demarcar sua terra?

Honório respondeu sim, os três homens falou: a partir de agora os seus problemas acabam, volta para sua aldeia e fala para seus parentes que dentro de uma semana chego lá, para demarcar sua terra, eu sou o engenheiro encarregado para trabalhar na sua terra. Aí, o meu parente Honório veio embora, quando ele chegou, reuniu o povo e falou o que os homens tinham falado para ele.

Todos ficaram contentes, na data certa os caras chegam, aí o parente Honório saiu em casa em casa chamando o povo, que os homens tinham chegado na aldeia para demarcar

nossa terra. Todo mundo da aldeia foi (ILUSTRAÇÃO IV), nesse tempo morava poucas pessoas na aldeia, mas morava outros parentes espalhado em lugares diferentes, como rio Corumbau, Porto Seguro, Trancoso, Arraial D`Ajuda, rio Caraíva, Juacema, Itaquena, rio do Tauá, rio do Guaxuma.

Ilustração IV: A reunião com os homens que prometeram demarcar a terra



Fonte: Produzida por Carlos Adriano Braz Ferreira

Aí na reunião eles falaram pra nós que a primeira coisa que a gente ia fazer era cortar os fios telégrafo que passava dentro da aldeia e pediu pra nós pegar toda mercadoria que tinha numa venda em Corumbau e matar os bois do povo de Caraíva, que ficava dentro da nossa terra. A polícia de Prado e Porto Seguro ficaram sabendo do ocorrido e veio, esse dia estava acontecendo uma festa na aldeia, veio polícia dos dois lado, aí a polícia de Porto Seguro começou a atirar, as polícia de Prado respondeu também a tiros, as polícias pensava que era a gente que estava atirando. Daí, começa o fogo de aconteceu em 13 de maio de 1951, durou 15 dias (ILUSTRAÇÃO V), muitos parentes sofreram muito.

Ilustração V: Início do fogo de 51



Fonte: Produzida por Carlos Adriano Braz Ferreira

Eu fui preso para Prado mais meu pai e meu irmão, ficamos preso cinco dias, um delegado de Caraíva que liberou nós. Depois, eu pai e Luiz veio morar em Arraial D’Ajuda. Depois do fogo de 51, os pataxó espalharam mais ainda, a aldeia ficou sem ninguém.

Aí, eu, meu pai, meu irmão, a gente foi trabalhar de quebra pedra em Itaquena. Isso depois de três meses, um dia a gente estava lá quebrando pedra na praia, chegou o padrinho do meu pai, Horetinho, e falou para meu pai: meu filho volta para sua terra, aquela terra é sua, lá é seu lugar, onde você nunca deveria ter saído, nós pegou nosso cacaió (seria o saco que nós colocava os seus pertence pessoas).

Aí, quando a gente chegou na aldeia, só era tristeza, toda destruída (ILUSTRAÇÃO VI), meu pai caminhou dentro da aldeia chorando, quando ele avistou uma casa em pé, era a igreja da nossa mãe Nossa Senhora da Conceição (ILUSTRAÇÃO VII). Ele caminhou a sua direção e falou: minha mãe nunca mais vou sair da minha terra, só com sua permissão, quero que a senhora me dê coragem para eu lutar por cada grão de areia, só volto a desistir no último suspiro da minha vida.

Ilustração VI: A destruição da aldeia no fogo de 51



Fonte: Produzida por Carlos Adriano Braz Ferreira

Ilustração VII: A igreja de Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Produzida por Carlos Adriano Braz Ferreira

Só minha família voltou, os parentes não queria voltar com medo, aí onde a gente sabia que tinha um parente ia chamar para vir embora pra sua terra. Muitos recusava, negava até sua identidade de pataxó, alguns culpavam Honório por tudo que tinha acontecido na vida deles. Na verdade, Honório era tão inocente como todos que foram enganados no fogo de 51.

As polícias pegou Honório e levou para Salvador que até hoje ninguém dá notícia dele, mas foi ele que abriu as porta para a luta da nossa terra, eu acredito que foi o próprio SPI que articulou junto com o IBDF (Instituto Brasileiro de Defesa Florestal) para expulsar nós da nossa terra. Se ele já tinha demarcado nossa terra para ser parque, eles queria tirar a gente de qualquer jeito da nossa terra, eles chegou a sugerir que tinha outra terra para o povo morar, que seria numa fazenda chamado São Lucas, no município de Pau Brasil, no sul da Bahia, nos pataxó hã-hã-hãe, Isso foi na época do SPI, nós não aceitamos, depois acontece isso com a gente. Daí minha família começa a reconstruir a nossa aldeia (ILUSTRAÇÃO VIII).

Ilustração VIII: Reconstrução da aldeia depois do fogo de 51



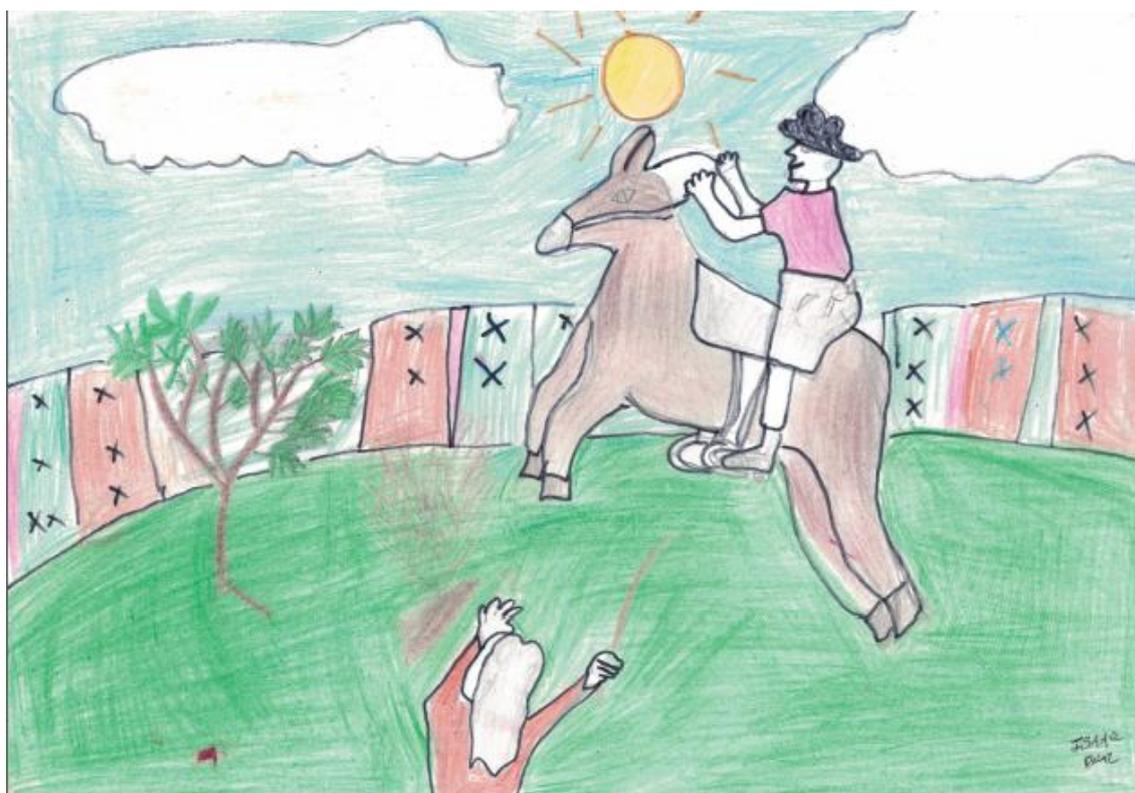
Fonte: Produzida por Carlos Adriano Braz Ferreira

Aí começa a fome em Barra Velha, a gente não podia pescar, caçar, plantar, fazer roças, era muito ruim, nem pegar nosso caranguejo. Quando fazia a roça, os guarda destruíam tudo, isso já foi nos anos de 1963. Quando os guardas do IBDF estavam fazendo a fiscalização do parque, se pegasse o parente andando na estrada, queria amarrar as mão dele no rabo do cavalo, levava preso.

Sabe o que era nossa comida?

Banana verde pisada com caranguejo, se a gente não podia plantar. Nossa coberta era pegar lenha, fazia um fogo no meio da palhoça (casa), aí todos ficava na beira do fogo esquentando, aí amanhecia o dia, ia para luta. Minha irmã Josefa, êta mulher retada, ela enfrentava mesmo os guarda, fazia a roça dela e eles iam lá desmanchava tudo, ela ia e fazia tudo de novo (ILUSTRAÇÃO IX).

Ilustração IX: Dona Josefa enfrentando os guarda do IBDF



Fonte: Desenho produzido por Isaac dos Santos Braz e pintado por Sarah dos Santos Braz

Eu, meu pai e meu irmão, lutando fora da aldeia, indo atrás para demarcar nossa terra, e Josefa lutando dentro da aldeia contra os guarda. Quando meu pai morreu, eu fiquei na frente do movimento com Luiz e Josefa, até o dia que chegou a FUNAI na minha aldeia, foi nos anos de 1970, depois que meu pai morreu.

Um dia Josefa estava no córrego lavando prato, ela ouviu os guardas falando que agora eles iam tomar Barra Velha porque quem lutava por essa terra tinha morrido. Aí ela, ao ouvir isso, falou: se vocês estão pensando isso, estão enganados. Quando chegou em casa falou para seu filho José Ferreira (Zé Baraiá)¹: você meu filho, a partir de hoje, está na luta da terra comigo. Ele tinha uns 10 anos, mais ou menos.

Antes da FUNAI chegar na aldeia, não existia esse negócio de cacique. A partir daí, chegou um chefe da FUNAI, chamado Rogério, e falou se a gente já tinha ouvido falar o que é cacique. A gente falou que não, daí ele disse que tem que ter alguém a frente de uma organização de uma comunidade. Eu estava à frente da luta da minha comunidade, mas tinha que ser escolhido por votação. Aí Tururim e Firmo se candidataram, o Tururim ganhou do Firmo. Aí Tururim escolheu seu vice, que foi Alfredo Braz, daí eu deixo o movimento da luta da terra de lado e passo para os dois parentes. Quando eu fiz isso, a causa da terra estava quase ganha, a onça já estava morta.

Tururim foi o primeiro cacique pataxó, hoje existem vários que eu não conheço. Mesmo assim, nos anos 1980, a FUNAI manda um chefe chamado Moacir, esse homem uniu com os guardas do IBDF para reduzir nossa terra mais ainda. Se não fosse três parentes, eles tinham conseguido, foi Bidú (Benedito Braz Ferreira), Zé Bedeu (José Farias do Nascimento) e Paulo Baraúna. Graça a Deus e a luta de todos, em 1981 a 1982 a demarcação da terra sai, graça a nossa protetora, minha mãe que está lá na igreja, só alegria depois da demarcação da primeira aldeia pataxó, a primeira a ser demarcada como aldeia indígena do povo pataxó foi Barra Velha. Depois de Barra Velha demarcada, começa surgir outras aldeias pataxó.

Honório era o capitão da aldeia na época e viajou para o Rio de Janeiro, oito dias depois chegaram dois homens dizendo que uma era capitão e o outro era tenente de polícia, na verdade eram dois ladrões dizendo que vieram medir a terra dos índios (ILUSTRAÇÃO IV).

Quando nós estávamos na prisão, chegou um homem de Caraíva chamado José Isidoro, era o delegado da época, ele perguntou a meu pai como que tinha acontecido aquilo. Aí meu pai contou, disse que dois homens mandaram Eduardo Cavia cortar a linha do telégrafo para que não houvesse comunicação entre as principais cidades, causando a tragédia na aldeia pelos policiais.

¹ No Apêndice 1, apresento essa parte da história contada por José Ferreira.

Depois que saímos da cadeia, nós ficamos morando em Prado, por um mês. Quem nos tirou da cadeia foi um advogado de Caravelas, para que nós voltássemos para nossa aldeia mãe. Naquele período, nós não sabíamos por onde andava a minha mãe Jenerana Maria da Conceição. Somente um mês depois, ficamos sabendo que ela estava morando em Arraial D’Ajuda, então fomos a procura dela e conseguimos encontrá-la. Aí ficamos morando em Arraial D’Ajuda por três meses, mas meu pai não acostumava e queria vir embora para Barra Velha, ele chorava muito.

Meu pai soube que tinha uma Caeira (lugar de fazer cal para pintar casas) que estava precisando de pessoas para trabalhar em Itaquena, foi, então, que viemos e conseguimos o trabalho e ficamos lá por um certo tempo, sempre com a esperança de voltar para Barra Velha. Um dia quando a gente estava lá na Caeira quebrado pedra, chegou o padrinho do meu pai, seu Horetim, perguntou porque você não volta para sua terra meu filho, você não pode deixar a terra do seu bisavô e do seu avô, meu pai disse: meu padrinho minha aldeia está toda destruída, foi tudo queimado pelas polícias, não mora ninguém mais lá. Seu Horetim falou: lá é sua terra, vocês tem que ir embora para lá, não quero saber que vocês ficam aqui na terra de outra pessoa, vocês tem que ficar na sua terra, ele pediu que meu pai passasse na casa dele antes de ir para Barra Velha.

No mesmo dia, meu pai foi falar para dono do trabalho que não ia trabalha mais. No outro dia cedo, nós pegamos a praia para a aldeia. Antes de chegar na aldeia, a gente passou na casa do seu Horetim, que ficava em Caraíva, é a estrada mesmo para nossa aldeia. Quando a gente chegou lá, o padrinho do meu pai já estava esperando, ele foi escrever uma carta e entregou para pai e disse: aonde você for, mostra essa carta para a autoridade que você encontrar, com essa carta aqui você consegue chegar onde você quiser, vai conseguir sua terra.

Quando nós chegamos na nossa aldeia, estava tudo destruído, as casas todas queimadas, pai e mãe botou para chorar. Aí a gente foi fazer uma casa de palha de marimbú, ninguém queria que a gente morasse aqui, as pessoas de Caraíva chamava nós de ladrão, negro da Coréia, mas Deus e nossa senhora da Conceição nunca quis que nós saíssemos da nossa aldeia.

Depois que nós já estávamos na aldeia, a notícia correu, aí veio alguns parentes também, com medo, mas veio. Meu pai reuniu as pessoas em Barra Velha e falou: meus parentes, meu padrinho me deu uma carta para nós lutar pela nossa terra. Quem quer ir lutar pela nossa terra? porque amanhã bem cedo, vou pegar a praia a rumo à Prado, só volto com a resposta da nossa terra.

Quando foi no outro dia cedo, eu, meu pai e meu irmão Luiz e seu avô Chico Paia, florzinha, João boca porca (João Salvador Braz) e Paulo Espilaca (Paulo Salvador da Braz), Paulo e João são irmão, pegou a estrada cedo, andando.

Nesse tempo, não tinha transporte a gente tinha que viajar a pé, nesse mesmo dia a gente chegou em Prado 4 horas da tarde. Aí, nós fomos procurar as autoridades da cidade, aí a gente encontrou um sargento, meu pai conversou com ele e entregou o documento, o sargento leu e falou: índio com esse documento, vocês não vão conseguir sua terra não. Aí o sargento falou: vou fazer outro documento para vocês, com esses vocês vão até o fim do mundo.

Meu pai falou para o sargento se tinha como ele conseguir seis passagens para nós, o homem respondeu que não tinha como arrumar, mas ia conseguir corona para ele até Nanuque, no estado de Minas Gerais, de lá a gente caminhava para frente até chegar em Brasília. Aí nós fomos para Nanuque, quando a gente chegou lá era 6 horas da tarde do outro dia. Nós fomos procurar as autoridades de Nanuque que disse que não podia ajudar a gente não (a partir desse momento, Palmiro se emociona ao dizer de sua luta pela terra de Barra Velha, ele chorou). Na época em que nós lutamos por nossa terra, andávamos a pé da aldeia até Brasília. Hoje tem avião, carro, índio estudado e está deixando de lado a luta nossa, a minha luta e a luta do meu pai pela nossa terra e de muitos parentes.

Daí, eu e meus parentes ficamos batendo perna na rua de Nanuque com fome, com sede, sem tomar banho. De madrugada, quando a gente viu o galo cantar, eu, meu pai, meu irmão e os outros parentes pegamos a estrada para a cidade de Carlos Chagas, aí no meio da estrada os três parentes desistiu. Aí meu pai falou: meus parentes fica por aí, vai procurar trabalho na fazenda, para arranjar dinheiro para voltar para a aldeia e falar para meu povo que só volto com a resposta da nossa terra.

Nós seguimos a viagem, eu, meu pai e meu irmão. Quando nós chegamos em Carlos Chagas fomos procurar o prefeito da cidade. Aí nós falamos com ele, meu pai falou que nós estávamos aqui procurando os direitos da nossa terra, o prefeito falou que tinha ouvido que tinha uma FUNAI em Governador Valadares. O prefeito deu três passagem para Governador Valadares, a gente fazendo essa caminhada toda com a força e coragem, com fome e sem dormir, isso tudo para a gente está aqui hoje nessa hora (Palmiro chora ao falar hoje dessa luta).

Só eu que estou vivo para contar nosso sofrimento, mas valeu a pena, estou aqui hoje tranquilo no meu *kijeme* (casa). Quando a gente chegou em Governador Valadares a gente foi procurar o prefeito para nos ajudar em três passagem que a gente tinha que chegar em

Brasília, que nós queria nossa terra de volta, que o governo da Bahia tinha tomado da gente, o prefeito falou que não tinha com ajudar a gente, mas disse que conhecia uma empresa que podia ajudar a gente em três passagem para Belo Horizonte, a empresa conseguiu as passagens só até Belo Horizonte mesmo.

Quando a gente chegou em Belo Horizonte, nós fomos junto do governador, ele falou: índios os seus direitos só resolvem em Brasília, o que eu posso fazer por vocês é conseguir três passagens para uma cidade no estado de Goiás chamada Guanhadira, lá fica perto de Brasília. Quando nós chegamos em Guanhadira com fome, só com a roupa do corpo, fomos morar na rua sem dinheiro (ILUSTRAÇÃO X), meu pai foi procurar trabalho na fazenda de um japonês. Aí a gente conseguiu trabalho, lá ficamos trabalhando um mês na fazenda só para conseguir dinheiro para a gente chegar em Brasília, meu pai falou para o japonês que não podia trabalhar mais na sua fazenda, ele falou: porque índio?

Meu pai disse: porque nós estávamos lutando pela nossa terra, que as polícias da Bahia tinha acabado com minha aldeia, foi um fogo de tiro em 51. O japonês pagou o mês e a gente pegou o carro para Brasília.

Ilustração X: Palmiro, Epifânio e Luiz dormindo na rua



Fonte: Desenho produzido por Isaac dos Santos Braz e pintado por Isabella dos Santos Braz

Chegamos em Brasília, na rodoviária, sem dinheiro, já de noite, tinha um guarda, meu pai foi perguntar se tinha casa de índio em Brasília, o guarda falou que tinha ouvido que sim, mas vai passando um carroceiro, aí pede a ele para leva vocês lá. Meu pai falou para o homem se ele podia levar a gente nessa casa, a gente não tinha dinheiro não, o homem levou a gente nessa casa, quando nós chegamos lá meu pai bateu a mão no portão, saiu um homem barrigudo que perguntou: o que vocês querem aqui?, meu pai falou: aqui é a casa para o índio ficar? O homem falou: não, o governo não quer índio aqui não, porque índio só fica bebendo cachaça.

Nessa hora meu pai ficou muito triste e ele falou: meus filhos tem mais de dois meses que a gente saiu da nossa aldeia andando para chegar aqui, a gente vai dormir na rua de novo, como vamos fazer para voltar para casa?

Meu pai olhou para uma rua e viu um bar, vamos para aquele bar, lá a gente fica conversando até quando o bar fechar, aí a gente foi, quando a gente chegou lá tinha um crioulo bebendo no bar, era o dono do bar. Ele veio a nossa direção e perguntou: o que vocês estão fazendo índio uma hora dessa na rua?. Aí meu pai respondeu: sou índio pataxó da Bahia, estou aqui lutando pela nossa terra que o governo da Bahia não quer que a gente mora nela.

O Homem falou, vai para casa descansar índio, meu pai respondeu, a gente teve lá na casa, o homem disse que índio não pode ficar nessa casa mais não, o crioulo falou: a casa é sua índio, esse homem é só um empregado de vocês mesmo. O homem falou: nunca vi um índio pataxó aqui em Brasília, vocês são os primeiros a vim aqui. O crioulo falou: vou levar vocês na casa para vocês descansar. Ele nos levou, a partir daí as portas se abriram para a gente, antes do crioulo ir embora ele disse: amanhã vou levar vocês na casa da pessoa certa, para demarcar sua terra. Aí ele foi embora, nós fomos tomar banho, depois do banho trouxe três bacias de comida pra gente, depois que a gente comeu, fomos dormir, no outro dia nós acordamos tarde porque já tinha muitos dias que a gente não dormia direito.

No outro dia cedo, o homem estava na casa esperando a gente acordar, ele levou nós na casa do deputado federal Astor. Quando a gente chegou na casa do deputado, fomos bem recebidos, ele perguntou para nós: dormiu bem índio?. Meu pai falou que sim, mas também falamos o que o homem barrigudo fez com a gente, o deputado falou se a gente dormisse na rua o homem barrigudo ia perder o seu trabalho.

O deputado perguntou se a gente conhecia o presidente da FUNAI, nós respondemos que não, o deputado falou vou levar vocês no jornal e pedir que o presidente da FUNAI venha resolver o problema da demarcação da sua terra. Assim o deputado fez, levou a gente para

o jornal. Durante a entrevista no jornal, uma índia do Maranhão assistiu a gente falando, ela foi até a gente e levou a gente para sua casa. Isso já era quase meio dia, quando nós chegamos na casa dela, a parente deu almoço para nós, quando a gente estava almoçando chega um carro buzinando, era o carro da FUNAI. Aí o motorista levou a gente para encontrar com o presidente da FUNAI, ao chegar lá, ele já sabia do que se tratava, a gente já tinha ido no jornal. Meu pai entregou o documento para o presidente da FUNAI. Ele falou: índios vocês vieram de muito longe, daí florzinha, só alegria.

O presidente da FUNAI fez outro documento e entregou na mão do meu pai, o presidente deu roupa, sapato porque a gente não tinha mesmo, nós ainda ficamos mais um mês em Brasília. Nosso povo, da nossa aldeia, nem sabia de notícia da gente. A FUNAI comprou três passagens para nós de carro até Ponta Grande, em Caravelas. Foram três dias de viagem, quando a gente chegou em Caravelas, no mesmo dia, pegamos a praia de volta para minha aldeia, nós chegamos na aldeia de madrugada velha.

Quando amanheceu o dia, meu pai foi reunir com meu povo para falar da viagem e mostrou o documento que o presidente da FUNAI tinha entregado para ele, que a terra era nossa mesmo. A partir da aquele dia, a gente nunca mais ia sair da nossa terra. Aí muitos parentes choraram, agradeceu nós. Depois de oito dias que nós tínhamos chegado de Brasília, chegou na casa do meu pai um guarda do IBDF chamado de Siquara, falou: eu vim tirar a terra dos índios, sabe de onde era a terra que ele tinha tirado para nós, florzinha?

1º marco pega no cemitério perto da casa de Adalto, na rua de baixo. O 2º marco, na escola grande da rua de cima. O 3º marco, lá no céu, onde morava minha irmã Josefa. O Siquara falou que essas aqui será suas terras e entregou o documento para pai. Só era 300 tarefas de terra.

Meu pai olhou para Siquara e falou: o índio mora é em terra e não dentro de água não, nós não somos piaba nem pato para morar em água, a gente quer terra para plantar e morar, índio come é mandioca, marisco, peixe, caça. Essa foi a primeira demarcação. Nessa época, existia em Barra Velha quatro famílias: a de Tibúrcio da Conceição, seu bisavô florzinha; Etecílio Alves; a do meu pai, Epifânio; e, Vicente Ferreira.

Aí pai chamou Luiz e entregou o documento que Siquara tinha entregado para ele e falou: você vai até Brasília entregar esse documento ao presidente da FUNAI e falar o que Siquara fez com todos da aldeia, só deu lagoa para nós morar, pai tinha dez mil réis, deu para ele ir até Brasília. Aí Luiz foi, quando ele chegou em Brasília, entregou o documento ao presidente da FUNAI, que falou quem manda lá é a FUNAI não o IBDF.

Quando Alfredão e Tururim entraram na luta pela demarcação, o caminho já estava aberto, aí meu pai já estava velho, entregou a luta para seus filhos. Só posso falar, que hoje depois da onça morta, todos falam que matou. Graça nossa senhora da Conceição, a mãe da nossa aldeia, nossa poderosa, deu coragem a gente para lutar pela nossa terra. Uma coisa posso falar para você, teve muito parente que era contra a gente e favor dos guarda do IBDF e da FUNAI. Teve muitos guerreiros na nossa luta, aqueles que ficaram na aldeia lutando contra os guarda. Hoje e só alegria!

Entrevista com Maria Bernarda da Conceição (Maria Coruja)

Foto II: Foto de Maria Bernarda da Conceição



A anciã Maria Coruja, nascida na aldeia Barra Velha, em 1943, filha de Manoel Bernardo e Benícia Maria da Conceição.

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Meu nome é Maria Coruja, todas as pessoas me conhecem por esse nome, mas meu nome mesmo é Maria Bernarda da Conceição. Eu nasci em minha aldeia mãe do Brasil Barra Velha, eu tenho 69 anos. Ah minha filha, minha vida foi muito sofrida, eu nem gosto de contar, eu era criança, meu tio Maciel falava pra gente que minha tia morava lá no Severo (lugar perto do Meio da Mata), onde meu tio Chico Paia morava, antes era do seu avô. Meu tio Maciel falou que um dia ele estava fazendo farinha com suas três filhas, aí chegou três homens e um deles era o doutor Barros. E meu tio disse que esses homens chegaram com a bairrada de uma fome, aí o doutor Barros falou para o meu tio que ia marcar (demarcar) nossa terra. Aí minha filha, ele falou isso para meu tio porque ele estava com fome.

Meu tio mandou as meninas matar um capado (porco), quando a panela soltou a fervura, quando começou a cozinhar, esse homem nem esperou a comida cozinhar direito, já foi comendo a comida quase crua.

Esse homem comeu, depois descansou, agradeceu meu tio e falou que queria uns índios para fazer o rumo da terra nossa, era tudo mentira, era para criar o parque do Monte Pascoal. Ah minha filha, daí para a frente só foi sofrimento, eu era criança muito pequena, eu via minha mãe chorando dos sofrimentos que a gente passava, eu mais meu irmão Cláudio e mais duas irmãs sofremos muito. Eu morava mais meu ti Chico Paia, seu avô, eu nem conheci meu pai, ele morreu logo muito cedo, nem viu o que nós sofremos. Ah minha filha, daí que meu avô Honório Borges vendo o padecimento do nosso povo um dia ele saiu de Barra Velha, andando, foi ao Rio de Janeiro atrás do nosso direito pela terra.

Entrevista com Domingas da Conceição Braz

Foto III: Foto de Domingas da Conceição Braz



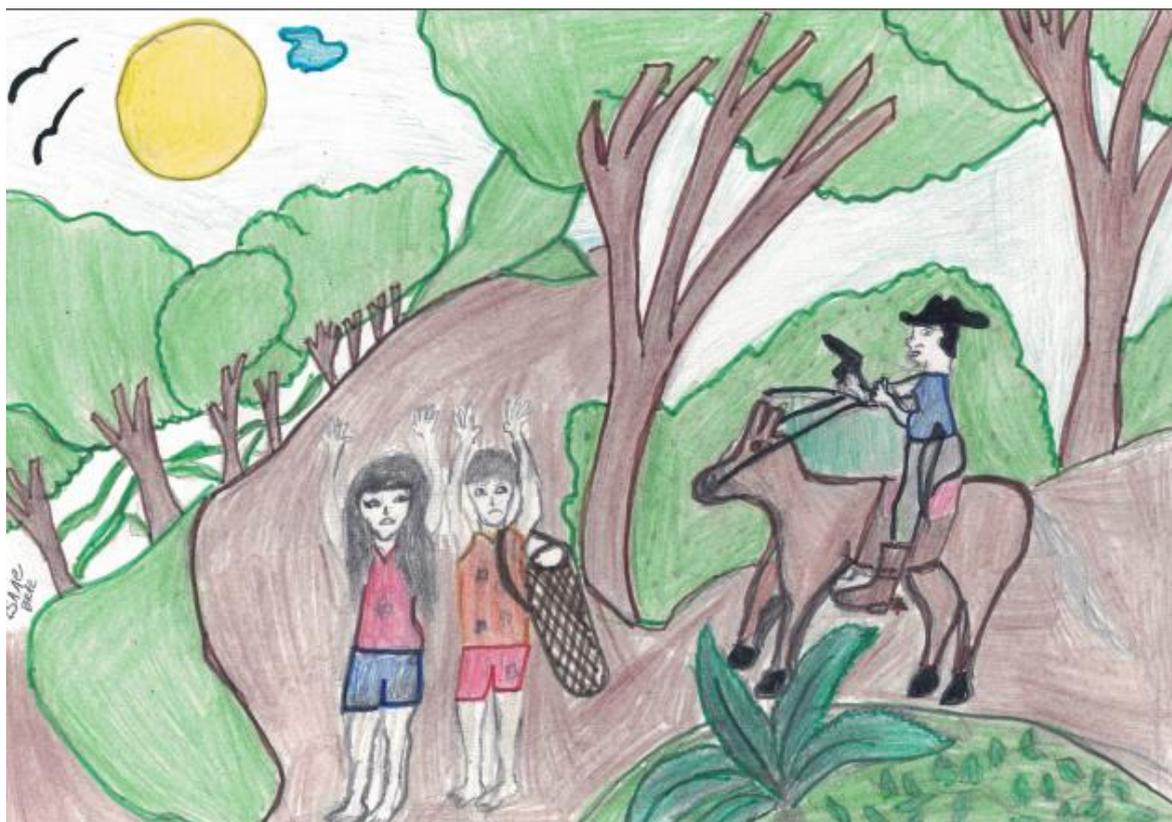
A anciã Domingas da Conceição Braz, nascida na aldeia Barra Velha, filha de Antônio Braz Salvador e Balbina Alves. Esposa do Pajé Caruncho.

Fonte: Arquivo pessoal de Aurenilson da Conceição Braz

Nós mulheres tivemos participação na demarcação no momento em que dávamos apoio as famílias das pessoas que saíam para a luta. Nós íamos ao mangue pegar caranguejos para ajudar na alimentação de algumas famílias, fazíamos colar, quando as lideranças viajavam, não tínhamos dinheiro para ajudar, nem mesmo para comprar alimento, nem roupa.

Naquela época era muito difícil, as vezes os homens iam trabalhar em fazendas quando chegavam suas mulheres já estavam com seis meses de gravidez ou as vezes as crianças já tinham nascido e os pais nem sempre estavam presentes. Quando as lideranças viajavam nas lutas pela demarcação da nossa terra, nós saíamos de casa em casa avisando. Eu e minhas parentes fazíamos colares para que eles levassem para vender e arranjar o dinheiro para comprar alimentos, para comer na estrada, era uma maneira de ajudá-los. Nós sofremos bastante, os guardas do IBDF, não deixavam a gente mariscar no mangue. Foi com ajuda do mangue que criei meus oito filhos, quando a gente ia ao mangue havia uns guardas por nome Siquara e Beijinha que nos perseguiam, as mulheres eram quem iam constantemente ao mangue, quando voltávamos do mangue, tínhamos que trocar de roupa para lavar, pois tínhamos pouca roupa.

Ilustração XI: As mulheres no caminho do mangue perseguidas pelos guardas do IBDF



Fonte: Desenho produzido por Isaac dos Santos Braz e pintado por Sarah dos Santos Braz

Eu digo a você Uruba, Rosarinha (antropóloga Maria do Rosário) foi uma mulher muito importante na demarcação dessa nossa terra, nós não tínhamos documentos, meus filhos e muitas pessoas não sabiam o dia que em que nasceram e nem as idades corretas. Ela saiu de casa em casa, fez um levantamento de todos na aldeia. A partir daquele momento, os parentes começaram a organizar seus documentos. Quando meu cunhado Alfredo, que Deus o tenha, ia viajar, ele levava o documento de Albino, seu irmão. Só depois de muito tempo, ele conseguiu seu próprio documento.

Hoje, aqui na minha casa, eu choro quando lembro que meus parentes velhos lutaram tanto para nós estarmos aqui nesse pedaço de chão, a gente vê muitas coisas acontecer de errado e não poder fazer nada, muitos dos nossos velhos já se foram, morreram. Os novos não podem esquecer dessa luta, eu vejo que isso está acontecendo, não sei ler nem escrever, mas não devemos esmorecer da luta. Se eu tivesse nova e boa de saúde, lutaria ao lado dos meus irmãos por mais terra, essa terra que temos já está pequena.

Você vê Uruba, nós temos muitos filhos, vai chegar o tempo onde não teremos mais terra. Onde irá morar esse povo? Quando foi para demarcar esse pedaço de chão que hoje moro, quase não havia famílias na aldeia, Tururim e Alfredo foram buscar os parentes que

viviam fora da comunidade para virem morar em Barra Velha, para fortalecer a luta pela demarcação. Pouco a pouco, as famílias foram chegando, alguns tinham medo de voltar por conta da revolta de 1951, muitos parentes pensavam que se voltasse poderia acontecer tudo novamente, por isso tem muito pataxó espalhados por vários lugares.

Entrevista com José Farias do Nascimento (Zé Bedeu)

Foto IV: Foto de José Farias do Nascimento



José Farias do Nascimento nasceu no dia 15 de agosto de 1954, na aldeia Barra Velha, tem 17 filhos com três mulheres sempre trabalhou pescando, na roça e é marisqueiro. Os seus maiores sonhos é ver um dos seus filhos fazer medicina, atualmente está solteiro.

Filho de Liormirio Farias e de Miliana Alves do Nascimento

Fonte: Arquivo pessoal de Isaac da Conceição Braz

No ano de 1960, ninguém queria ser índio por conta do fogo de 51, as pessoas da redondeza, principalmente o povo de Caraíva chamavam nós índios de negros da Coréia (um tipo de preconceito) ou caboco ladrão. Por isso, os índios negavam sua identidade. Nem por isso, Palmiro e seu pai deixaram de lutar pela demarcação da nossa terra. Eu lembro que as lideranças viajavam muito para Brasília.

Erilsa, eu sempre pensei no futuro das crianças da minha aldeia mãe. Barra Velha não caiu do céu, foi com muita luta que nós conseguimos essa terra que nós moramos nela. Hoje, eu fico triste porque tem pessoas que não sabe como foi conquistada e fica destruindo a mãe natureza.

No final dos anos 70, com muita luta saiu a segunda demarcação da nossa terra. Quando a equipe de engenheiro chegou em Barra Velha, reuniu o povo para conversar, mas tinha um chefe de posto da FUNAI chamado Moacir. Mas uma vez, ele estava coligado com o IBDF para que a nossa terra não fosse demarcada do tamanho que era reivindicada pelo povo. Isso foi nos anos 80.

Eu ouvia as conversas, só que a maioria do meu povo não ligava para os boatos das conversas do Moacir. Eu e Bidu (Benedito Braz Ferreira), juntamente com Paulo Cotoco (Paulo Baraúna) fizemos uma carta² e fomos a Salvador, por conta de não concordarmos com essa área por motivo de ser pouca terra. Onde meu povo iria morar, plantar, colher e caçar?

² Ver Apêndice 2.

Porque o índio vive da Terra. Quando nós chegamos em Salvador mandaram nós irmos para Brasília entregar a carta pessoalmente ao presidente da república, na época era o presidente João Batista Figueiredo. Só conseguimos chegar em Brasília com ajuda da ANAI. Quando cheguei de volta a minha aldeia, o chefe de posto Moacir, reuniu as lideranças da época e disse a eles que era para me mandar de volta até Brasília, pegar a carta que tinha entregado ao presidente e trazer de volta. Disseram que eu não poderia ter feito, quem poderia fazer isso seria as lideranças.

O Moacir fez a cabeça de uma liderança para me intimidar e me pressionar com o intuito de que eu voltasse a Brasília e pegasse a carta de volta. Diversas vezes, fui ameaçado dentro da minha aldeia, eu não estava fazendo coisa errada, só não concordava com o tamanho da área que estava para ser demarcada.

Se eu não tomasse essa atitude, onde estava morando o povo das aldeias Caciana, Boca da Mata, Campo do Boi?

Eu sempre pensei em uma criança, nos velhos e na nova geração do meu povo.

Um dia eu estava em minha casa e recebi um recado da minha tia Maria de Fulô, dizendo que queria conversar comigo, no dia seguinte fui à casa dela, chegando lá quem já estavam lá? O Moacir e as lideranças reunidos. Novamente, queriam que eu fosse a Brasília pedir a carta a qual eu teria entregue ao presidente. Disse a todos que eu não iria e perguntei o porquê tanta preocupação com a carta. Nessa hora uma liderança me agrediu segurando-me pela camisa. Depois de um certo tempo, fiquei sabendo que havia interesse por parte das lideranças juntamente com a FUNAI e o IBDF.

Atualmente, me sinto orgulhoso por ter feito algo grandioso e de grande importância por minha aldeia e minha vida.

Erilsa, só peço que converse com seus alunos e diga a eles que não desistam da luta, pois hoje necessitamos de médicos, dentistas, advogados promotor, para que possam trabalhar em prol do nosso povo de Barra Velha. Hoje, ainda não temos ninguém daqui de Barra Velha formados nessas áreas. Ficarei muito feliz quando eu ver um pataxó daqui formados nessas áreas. Deixo uma frase para você: “Barra Velha não caiu do céu”.

Hoje, vocês estudantes não devem lutar com bordunas, arco e flecha, suas armas são a caneta e os livros, as leis e as lutas de igual para igual, para mostrar a todos que nós indígenas somos capazes de lutar pelos nossos direitos sem agressão física.

Conclusão

Como eu falei antes, já tinha interesse por essa pesquisa antes de ir estudar na UFMG. Depois que comecei a pesquisar, foi me despertando mais interesse sobre a demarcação do território de Barra Velha. Nas reuniões que vem acontecendo na comunidade, passei a participar com maior conhecimento sobre a luta. Se eu já tinha um pouco de conhecimento, eu adquiri novos conhecimentos que eu não sabia. Eu aprendi muito. Eu, realmente, mergulhei no movimento da luta pela terra.

Ao buscar as histórias dos entrevistados, eu aprendi coisas que eu não sabia e o que o povo de Barra Velha não sabia. Aprendi que não foi somente os que saíram de Barra Velha para buscar nossos direitos pela terra que lutaram, quem estava aqui também participou da luta, quem estava dentro da terra lutando e sofrendo, que estava resistindo a opressão do IBDF. Mesmo que eles fossem a Brasília, se os parentes não continuassem na aldeia, a luta deles seriam perdida.

Esse trabalho deixa registrado que nossos parentes, mesmo sem o conhecimento da escrita e da leitura, tiveram a visão de ir lutar pela demarcação da nossa terra. Hoje, nós temos outros conhecimentos, mas não sinto os jovens na luta pela terra.

O fogo de 51, travou a mente de muita gente que ficou com medo de que tudo aconteça novamente. Por isso, tem muitos na comunidade que não se envolve na luta pela terra.

Eu aprendi que a terra não é simplesmente um pedaço de terra para estar morando, a terra para a gente é uma mãe, é uma mãe natureza. A terra tem um valor para o povo indígena.

Eu quero dar seguimento a essa pesquisa, para ajudar na continuidade do processo de demarcação de nossas terras. Eu pretendo discutir meu trabalho dentro da comunidade e na escola.

O curso da UFMG é uma porta que abriu a mente da gente, que aprendi sobre territorialidade, a economia indígena e a valorização da cultura tradicional.

Finalizo com as palavras de Maria Coruja: o homem branco fala que somos invasores, mas os invasores são eles. Antes deles chegar nessa terra sagrada, nós já estávamos aqui. Ela fala que durante ela tiver batendo com o olho, ela não vai desistir nunca da luta pela terra.

Referências

Braz, Aurenilson da Conceição. **A Escola Indígena Pataxó na Aldeia Barra Velha: uma história contada por quem participou de sua construção.** Trabalho de conclusão de curso da Licenciatura Intercultura de Educadores Indígenas (CSH). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

CARVALHO, Maria Rosário. **Pataxó - Luta por demarcações.** Disponível em: https://pib.socioambiental.org/files/file/PIB_verbetes/patax%C3%B3/luta_por_demarcacoes.pdf

SANTOS, Everton Braz dos. **Artesanato de sementes confeccionados pelos moradores da aldeia Barra Velha.** Trabalho de conclusão de curso da Licenciatura Intercultura de Educadores Indígenas (Matemática). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

Apêndice 1: Parte da história contada por José Ferreira

Abaixo, segue um parte da história que José Ferreira me contou, um dia que tive na casa dele, mais ou menos cinco anos atrás:

Amanhã bem cedo, nós vamos para Porto Seguro, assim eu e minha mãe fizemos, saímos de Barra Velha duas horas da manhã caminhando pela praia para pegar a maré seca na praia, para caminhar melhor. A gente chegou já a noite lá, dormimos na casa de uma parente. Minha mãe não conhecia Porto Seguro, foi perguntando onde morava o prefeito da cidade, nós conseguimos chegar até ele. Quando chegou lá, ele pergunta: o que você quer índia, nunca veio um índio até a minha pessoa, você é a primeira. Minha mãe falou que está atrás de ajuda pela sua terra, contou tudo o que estava acontecendo com eles lá em Barra Velha. Aí o prefeito falou o que eu puder ajudar, ele foi e fez uma carta e entregou na mão da minha mãe, ele falou: vai e coloca essa carta, que vai para Brasília, vai chegar no presidente da república, ele vai ficar sabendo o que está acontecendo com os pataxó, aí quando tiver uma resposta mando te avisar.

Assim foi feito, um dia pela tarde, chega um homem na aldeia procurando minha mãe, ele falou: é a senhora que é Josefa, venho trazer notícia do prefeito para a senhora, daqui uma semana é para senhora e seu povo ir para Arraial D'Ajuda que o presidente da república quer conversar com a senhora. Quando a gente chegou lá tinha casa, tinha comida, não faltou nada para nós. O aeroporto antes era em Arraial D'Ajuda, depois que mudou para Porto Seguro, o voo atrasou, mas eles chegaram, aí o prefeito pegou minha mãe e caminhou a direção do presidente Médici. O presidente falou para minha mãe que a partir daquele dia tudo ia melhorar para ela e seu povo, perguntou se tinha FUNAI na sua aldeia. Ela falou que não, ele falou: vou mandar a FUNAI para sua terra. Nos anos de 1970 chega a FUNAI.

Apêndice 2: Trecho da carta dos três pataxó encaminhada ao presidente da república

Em 9 de dezembro de 1980, Paulo Braz, mais conhecido como Paulo Baraúna, e mais dois signatários, Benedito Ferreira Braz e José Farias do Nascimento, encaminharam ao presidente da república, João Figueiredo, uma carta, na qual encarecem que ele tome conhecimento do que está “existindo nas nossas terras, como está sendo demarcada com o controle da FUNAI e IBDF. Essa demarcação nós não estamos aceitando porque essa área não dá pra nós sobreviver dentro dela, a metade desta sendo de areia branca, campo nativo, brejo e lagoa. Pedimos ao senhor que nos dê um apoio sobre esse assunto da terra, nós somos uma comunidade de mais de 1.000 pessoas e essa terra, mal medida como foi, não dá pra nós e nossos filhos. Dessa forma, dentro de pouco tempo não haverá mais a nação pataxó, nós índios morreremos de desgosto e de fome.” (ANAI, 1980).

Fonte: Pataxó - Luta por demarcações, de Maria do Rosário Carvalho